



## SILVIANO SANTIAGO E O LUGAR ONDE O SOL SE PÕE: entrelugares epistemológicos ao sul da fronteira-sul

Edgar Cézar Nolasco<sup>1</sup>

A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo. [...] Sua geografia [da América Latina] deve ser uma geografia de assimilação e de agressividade, de aprendizagem e de reação, de *falsa obediência*. (SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos*, p. 16)

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a *obediência e a rebelião*, entre a assimilação e a expressão — ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana. (SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos*, p. 26)

O que Quijano está propondo aqui nada mais é que *desobediência epistêmica*. Sem tomar essa medida e iniciar esse movimento, não será possível o desencadeamento epistêmico e, portanto, permaneceremos no domínio da oposição interna aos conceitos modernos e eurocentrados, enraizados nas categorias de conceitos gregos e latinos e nas experiências e subjetividades formadas dessas bases, tanto teológicas quanto seculares. (MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p.288)

*A opção descolonial é epistêmica*, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos

---

<sup>1</sup> Edgar Cézar Nolasco é professor da UFMS e Coordenador do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Culturais Comparados – NECC – UFMS e Pesquisador-visitante e Associado ao PACC-UFRJ.

genuínos dos conceitos e da acumulação de conhecimento. [...] Pensamento descolonial significa também o fazer descolonial, já que a distinção moderna entre teoria e prática não se aplica quando você entra no campo do pensamento da fronteira e nos projetos descoloniais. (MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 291)

Entre uma geografia de falsa obediência, entre a obediência e a rebelião, como quer Silviano Santiago, e entre a desobediência epistêmica, como quer Walter Mignolo, ambos ancorados em uma opção descolonial epistêmica permitem a inscrição de um lugar crítico fronteiriço de base de um fazer descolonial, “já que a distinção moderna entre teoria e prática não se aplica quando você entra no campo do pensamento da fronteira” (Mignolo), como é o meu caso que, enquanto intelectual fronteiriço, penso, ensino e escrevo da fronteira-sul ( Mato Grosso do Sul / Brasil, Paraguai e Bolívia), mais conhecida como lugar onde o sol se põe, locus geoistórico e territorial esse ainda esquecido e ignorado pelos centros do país e do mundo.

Explicado o título de meu texto, volto-me para uma articulação crítica conceitual entre o que propõem o crítico brasileiro e o argentino, visando pontuar e buscar uma discussão crítica que leve em conta, como condição *sine qua non*, o lugar de onde tal reflexão está sendo pensada. No meu caso, a fronteira-sul, enquanto um “entre-lugar”, faz toda a *diferença*, posto que pensar dessa margem outra demanda, ao fim e ao cabo, uma “epistemologia fronteiriça” específica. Silviano Santiago, especificamente com seu ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, ajuda-me nessa direção. Da perspectiva *fronteriza* por mim privilegiada aqui, quero entender que do lugar da fronteira-sul de onde erijo minha reflexão crítica, mas penso na América Latina como um todo, a “originalidade” (Santiago) da crítica *fronteriza* não poderia estar na “cópia” ao modelo crítico da Europa ou dos Estados Unidos, como uma crítica brasileira, que não levou em conta a discussão iniciada pelo crítico brasileiro, teria pensado, quando, na verdade, sua especificidade cultural está em sua *origem*, como já advertira Silviano na década de setenta.. A discussão levantada pelo crítico tomou proporções e ramificações várias, mais o fato de que o texto crítico é datado historicamente, mas está no bojo da discussão levantada por Silviano uma visada crítica pós-colonial/ocidental que não foi *escutada* devidamente pela crítica brasileira. Quero pensar que, por mais que o pensamento da fronteira latina tenha sofrido na própria pele a imposição discursiva, crítica e cultural do poder itinerante dos centros hegemônicos do país e de fora, por meio, quase sempre, da

própria academia periférica, como a minha de onde ensino, penso e escrevo, *subsistiu* ao poder do outro vindo de fora um traço cultural específico que sobreviveu inscrito no balbucio, nas manifestações culturais e sociais do sujeito *fronterizo* da zona de fronteira. Não estou, com isso, sendo bairrista nem provinciano, nem muito menos sendo nacionalista; muito pelo contrário, o que estou dizendo é que há, porque houve, algo da especificidade (“origem”) do lócus geoistórico cultural do lugar de fronteira que, por mais que a crítica dos centros tenha tido boa intenção, simplesmente não foi alcançado pela crítica dos centros por ela se encontrar fora de tal localização geoistórica, geopolítica, territorial e epistemológica. A fronteira aqui é real e imaginária ao mesmo tempo. Mas isso pouco importa. Porque o que importa mesmo é saber que apenas uma epistemologia *fronteriza*, que emerja desse lócus, pode propor uma discussão crítica descolonial referente àquela verdade histórica imposta pelo Sistema Colonial Moderno nos trópicos.

Resta-me advertir, desde o início, que não estou afirmando que a leitura defendida por Silviano era de cunho pós-colonial. Todavia vejo esboçar-se ali uma preocupação de fundo pós-colonialista. E, sem dúvida, os ensaios posteriores do crítico convergiram para tal visada crítica de forma bastante clara. Estou afirmando que o “entre-lugar” já sinalizava esse percurso buscado pelo crítico brasileiro. Hoje, indiscutivelmente, Silviano é o maior representante de uma visada pós-colonial no Brasil e um dos críticos brasileiros mais lidos nas discussões pós-coloniais e subalternas latinas<sup>2</sup>. Quero entender que tal mobilidade crítica encontrada na vivência crítica do intelectual se deu pelo fato de o crítico passear por várias tendências críticas, como a antropológica, por exemplo, e não ter medo de fazer grandes amizades nos trópicos, como a que estabeleceu com Derrida, Foucault e Lévi-Strauss (já convocados no ensaio de 78), entre outros. O “entre-lugar”, escavado por Silviano para pensar a cultura (Literatura) brasileira e latina, permitiu que o crítico convocasse a crítica e os amigos que podiam ajudá-lo a compreender melhor nossa realidade brasileira latina. Essa mobilidade crítica, vivenciada pelo crítico brasileiro e que, a seu modo, corroborou uma descentralização crítica inerente à própria crítica brasileira, pode ser bem ilustrada por estas palavras de Denílson Lopes:

---

<sup>2</sup> Ver John Beverley, *Subalternidad y representación*, e Walter Mignolo, *Histórias locais/Projetos globais*, entre outros.

Como se dissesse onde queres Derrida sou Minas Gerais, onde queres cultura, sou literatura, onde queres Mário de Andrade, sou pós-modernidade, onde queres Borges, sou Puig, onde queres o professor, sou Lou Reed, Clara Nunes, Antony & the Johnsons. Ou tudo ao contrário e ao mesmo tempo. Trânsito entre saberes, linguagens, conceitos e perspectivas teóricas. Trajetória errática e múltipla entre o desejo de estar no seu tempo e abrir, refazer tradições. O entre-lugar é espaço concreto e material, político e existencial, local, midiático e transnacional de afetos e memórias.<sup>3</sup>

O conceito de “entre-lugar”, mais do que ser um espaço concreto e material, mais do que se prender a um local, apresenta-se como um conceito epistemológico *fronterizo* por excelência. Quero entender, considerando o lugar de onde erijo minha discussão, que nessa visada de base pós-colonial ele pode contribuir ainda mais com a reflexão crítica feita de uma zona periférica como a da fronteira-sul do país. Como mostrarei depois, na fronteira que assinala o *lugar onde o sol se põe* (Ocidente), matizada pela cor sanguinolenta do crepúsculo oscilante, bordam-se entrelugares por onde transitam — numa aparente convivialidade da diferença colonial marcada por uma hostipitalidade (Derrida) e por um gesto transculturador *continuum* (seja para o bem ou para o mal) — brasiguaios, sem terra, pantaneiro, andariego do cerrado, bolivianos, paraguaios, sul-mato-grossenses, bugres, além de línguas subalternas como o portunhol e o guarani — todos, a seu modo, reclamam, ou propõem a insurgência de uma epistemologia específica do lugar como forma de *barrar* que o outro, o de fora, continue a falar (representar) pelo sujeito da fronteira-sul. O “entre-lugar” parte de um lugar específico (territorialmente falando) para suplantá-lo por meio de uma epistemologia *fronteriza*. É nessa direção que a fronteira-sul, enquanto um lugar poroso, territorial e imaginário, propõe como saída infindáveis entrelugares visando encampar, numa relação diferencial, a diferença colonial (Mignolo) que não poderia ser contemplada por uma conceito de “entre-lugar” que não fosse de natureza epistemológica.

Reitero, mais uma vez, que o “entre-lugar” de Silviano avançou no tempo afora (1978) permitindo que a crítica brasileira o lesse até no *entre-dito*. Chego e detenho-me, assim, nas duas passagens do crítico apostas como epígrafes e que mais me interessam no momento. A prática de *desviar a norma* da América latina, com relação ao que vinha da Europa e, depois, dos Estados Unidos, mostra, entre outras coisas, que esse entre-lugar brasileiro e latino não pode mais ser tomado

---

<sup>3</sup> LOPES. *No coração do mundo*, p.28.

como um despejador de tudo o que fora pensado sobre ele, principalmente quando aqueles pensam com base numa boa intenção crítica messiânica e salvífica. A prática antropofágica de assimilar, de contaminação defendida por Silviano acabou por nos mostrar que a crítica *fronteriza* rechaçou tudo, ou quase, o que não servia para pontuar, ao fim e ao cabo, suas especificidades culturais locais. O que, por sua vez, não que dizer que tal crítica *fronteriza* ignorou os postulados da crítica moderna que sempre imperou nos trópicos. Daí, de minha abordagem, entra em cena a “falsa obediência” percebida sagazmente por Silviano. “Falsa obediência” não significa falta de obediência; mas, pelo contrário, uma obediência outra, isto é, uma epistemologia *fronteriza* advinda do lócus geoistórico cultural latino, centrada numa opção pós-colonial. Enfim, com a “falsa obediência” proposta por Silviano naquele contexto repressivo e castrador de 1978 entrevejo uma lição crítica de fundo pós-colonial que convocava a todos para *aprender a desaprender* a lição crítica moderna cristalizada nos trópicos. Nesse sentido, entendo que Silviano não deslegitimou as ideias críticas europeias migradas para o Sul; mas, em contrapartida, não ficou presas a elas, repetindo-as acriticamente como tão comumente aconteceu no Brasil e em toda a América Latina. Os ensaios críticos posteriores ao do “entre-lugar” comprovaram isso. Nessa direção, *Uma literatura nos trópicos* (1978) representou a barragem antecipada contra o sistema colonial moderno e a passagem para um entre-lugar enquanto possibilidade de descolonizar as regras impostas pelo discurso colonial moderno como único modo de ler nos trópicos. A saída do entre-lugar foi estratégia crítica, especificamente epistemológica, quando pensada por um crítico brasileiro e em língua portuguesa. Tem razão Mignolo quando se surpreende de que no Brasil há uma tendência crítica “para receber e avaliar teorias ‘estrangeiras’, sejam da Europa ou dos Estados Unidos.”<sup>4</sup> Com a ideia crítico-conceitual do crítico brasileiro acerca do “entre-lugar”, a crítica brasileira, sobretudo aquela pensada das bordas desse país de imensidão territorial absurda, *aprendeu a desaprender* (Mignolo) as lições e os conceitos migrados dos grandes centros do país e do mundo, tidos como absolutos e verdades incontestes. “Falar contra, escrever contra” na América Latina era a opção descolonial assumida por esse “entre-lugar” que impunha, a seu modo, uma desobediência epistêmica com relação ao pensamento moderno de natureza dualista. Ao propor uma leitura

---

<sup>4</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 16.

crítica outra, que não se prendesse mais ao velho e rançoso estudo das fontes e das influências, Silviano já sinalizava uma leitura que se voltava para a “diferença” colonial, cujas produções culturais latinas traziam inscritas em seu corpo subalterno. Destaco uma passagem de Eneida Maria de Souza, por entender que foi ela quem melhor compreendeu, e avançou, a proposta crítica defendida por Silviano:

No caso da concepção do “entre-lugar”, não se trata de uma abstração filosófica ‘fora do lugar’, mas de uma posição que visa representar a cultura brasileira *entre outras*, retirando novos objetos teóricos das obras ensaísticas e ficcionais. A importância desse texto para a polêmica nacional em torno da dependência reside na relação estreita que o conceito mantém com as teorias modernistas, como a antropofagia oswaldiana e a “traição da memória” de Mário de Andrade, que iniciaram o diálogo transcultural de modo a transformar o atraso e o subdesenvolvimento nacionais em resposta eufórica e positiva, pela assimilação “sábia e poética”, de algumas conquistas modernas.<sup>5</sup>

A segunda passagem de Silviano aposta como epígrafe retoma a primeira e a conclui. Quero ver desenhar-se nela em alto-relevo, mais do que uma problematização, uma conceituação possível para o que chamo de entrelugar *fronterizo* epistemológico. No plano territorial, encontramos as peripécias que fazem o corpo da fronteira-Sul de Mato Grosso do Sul: “*entre* o sacrifício e o jogo, *entre* a prisão e a transgressão, *entre* a submissão ao código e a agressão, *entre* a obediência e a rebelião, *entre* a assimilação e a expressão”, entre a lei e o fora da lei, temos uma fronteira real e imaginária que impõe suas próprias normas específicas de sua condição de transfronteiridade, ou entre-fronteiridade. Essa condição impõe à fronteira que ela seja de ordem transcultural contínua. Já no plano epistemológico, se é que é possível separar o territorial do epistemológico quando temos a fronteira como ponto de partida da discussão crítica, ali, nesse (entre) lugar aparentemente vazio, pois que ele gera sua específica zona de conhecimento e de produção de saber, visando dialogar com o *fora*, ou dali, emerge um ritual transcultural por excelência que produz toda uma crítica assentada numa epistemologia *fronteriza* que, a seu modo, barra a boa intenção de uma teoria e de uma crítica itinerantes que simplesmente hospedam-se na casa da anfitriã bárbara, selvagem e *fronteriza*. Desfazer um costume histórico pode levar uma eternidade. Os entrelugares *fronterizos* escavaram para si uma aprendizagem de desobediência com relação a tudo o que fora imposto em seu lócus geoistórico

---

<sup>5</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 52-53.

cultural à revelia de sua memória, de seu discurso e de sua história local. Clandestinamente e epistemologicamente os entrelugares fronteirizos barram aquela crítica moderna que ainda teima em impor seu lugar/discurso hegemônico sobre os demais lugares (ou entrelugares) periféricos. “O entre-lugar do discurso...” nos ensinou essa e muitas outras lições críticas.

Detenho-me, agora, ao texto “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade *em* política” (2007), de Walter Mignolo, por ver o esboço de um diálogo entre esse texto e o d’O entre-lugar do discurso latino-americano” (1978), de Silviano Santiago, sem desconsiderar a diferença cronológica de quase trinta anos entre um texto e outro. Tendo por base uma discussão levantada por Quijano, o crítico argentino propõe um “desencadeamento epistêmico”, isto é, o modo de o crítico de fronteira sair e pensar por fora do domínio dos postulados de uma crítica assentada nos conceitos modernos e eurocentrados. Quero ver que se forma em tal opção descolonial um espaço, um entrelugar que permite a inscrição de tal crítica fronteiriça como resposta ao modelo crítico moderno já anteriormente rechaçado por Silviano com propriedade intelectual. Tanto Mignolo, quanto Silviano, por estarem propondo uma visada crítica outra, apesar de erigirem seus discursos a partir de *loci* geoistóricos diferentes, não deslegitimam as “ideias críticas europeias”; antes, passam por elas e as procuram ler na “diferença” colonial. Como já salientei, o crítico brasileiro não fica preso aos postulados presididos por um Derrida, Lacan ou Foucault. Pelo contrário, os lê no momento em que suas teorias podiam ajudar a compreender melhor os problemas brasileiros e latinos. Aliás, para não ser injusto com ninguém, que texto crítico não é datado, trazendo inscrito, pelo menos em parte, seu prazo de validade? Textos, ou melhor, conceitos como o de “entre-lugar”, ou o de ‘desobediência epistêmica’ ajudam-nos a pensar por fora de uma política imperial que grassou nos trópicos por muito tempo. Daí eu reafirmar que ambos os conceitos operam uma prática descolonial epistêmica, e a fazem sem ignorar os conceitos modernos por meio dos quais se acumulou e se repetiu um conhecimento totalizante e sumariamente excludente. O “entre-lugar” não pode ser apenas um lugar situável no espaço e no tempo. Enquanto uma prática descolonial epistêmica, o “entre-lugar” significa um lugar geopolítico do conhecimento da política do “entre-lugar”, das pessoas do “entre-lugar”, das línguas do “entre-lugar”, das produções culturais do “entre-lugar”, das subjetividades do “entre-lugar”, enfim, de tudo o que pertenceu historicamente a um entrelugar e que foi negado pelo pensamento ocidental. De acordo com

Mignolo, “pensamento descolonial significa também o fazer descolonial, já que a distinção moderna entre teoria e prática não se aplica quando você entra no campo do pensamento da fronteira e nos projetos descoloniais.”<sup>6</sup> Detive-me, assim, nas duas passagens de Mignolo apostas como epígrafes a este texto.

Da fronteira-Sul, da tríplice fronteira (Brasil/Paraguai/Bolívia), desse entrelugar *fronterizo*, o pensamento descolonial sobrevive nas mentes, nos corpos e nas línguas dos sujeitos *atravesados* do e pelo entrelugar. Resta-me, na condição de intelectual que trabalha, pensa e escreve da zona de fronteira-Sul, não *entrar no campo do pensamento da fronteira*, mas, sim, pensar a *partir de* um fazer descolonial de um entrelugar *fronterizo*, visando a produção de um olhar crítico não mais preso a conceitos monotópicos e universais, mas com certeza pluritópicos e pluriversais, como já assinalados no texto de Silviano e reforçado pelo de Mignolo.

Antes de me deter em meu lócus geostórico cultural, tendo a fronteira-Sul como referente e ponto de partida da discussão, mesmo quando ela seja tomada apenas como uma paisagem subalterna do lugar, quero pontuar, brevemente, o quanto as proposições de Silviano e de Mignolo ajudam-me a pensar melhor a partir do lugar (entrelugar) onde me encontro situado no presente. E o faço a partir de uma comparação do próprio Mignolo feita no livro *Histórias locais/Projetos globais*: “a fagocitose de Kusch está próxima da ‘transculturação’ de Ortiz ([1940] 1995), do ‘entre-lugar’ de Santiago (1978) e de minha própria noção de ‘pensamento liminar’”.<sup>7</sup> É inerente à feliz aproximação conceitual feita por Mignolo a presença da diferença colonial. Apesar da lembrança aproximativa feita pelo crítico argentino, quero entender que ela torna pública uma denegação por parte do crítico com relação ao conceito de “entre-lugar” do crítico brasileiro, pelo menos com relação ao discutido no livro *Histórias locais/projetos globais*. Vejo que tanto o conceito de “entre-lugar” quanto o de “pensamento liminar” (e)laboram uma lógica outra, uma epistemologia outra, oportunizando que a partir de um entrelugar um pensamento outro (liminar) possa ser articulado, tendo por base a diferença colonial como única forma capaz de barrar o imposto pelo sistema colonial moderno. Tomo o conceito de “entre-lugar” de Silviano como um

---

<sup>6</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290-191.

<sup>7</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 216.



entrelugar *fronterizo* capaz, por sua vez, de promover um processo transculturador infinito por meio do qual posso, enquanto crítico da fronteira-sul, *pensar dentro dos lugares* ou a *partir dos entrelugares*. A articulação do crítico brasileiro me permite, quase quarenta antes depois, entrever a presença da fronteira em seu discurso crítico, talvez devido, mas não apenas, à minha localização territorial *fronteriza*, da qual não posso abrir mão em meu discurso. Mas não sejamos tão localistas. Acontece que a transculturação, assim como o próprio corpo distendido da fronteira, contaminam a epistemologia desse entrelugar resultante, mostrando-nos que a fronteira, mais do que um lugar, apresenta-se como a única condição possível para uma reflexão que convoca as demais teorias e críticas migradas ou do centro mesmo do país, ou da própria América Latina. Nesse particular, e pensando em termos de Brasil, o problema para o qual temos de nos voltar deixa de ser as lições críticas eurocêntricas ou norte-americanas e passa a ser aquela pensada sobre a América Latina, incluindo o Brasil, dos Estados Unidos, ou aquela pensada de-dentro da própria América Latina, para a qual o Brasil quase sempre fica literalmente de fora da discussão. Questões críticas como essa que acabo de mencionar começam a ser resolvidas quando compreendemos que tanto o conceito de “entre-lugar”, de Silviano, quanto o conceito de “pensamento liminar”, de Mignolo, ajudam-nos a formular uma teorização específica da fronteira, esse entrelugar\local geocultural e epistemológico que, para mim, é também territorial.

### 1- ENTRELUGARES para uma crítica *selbaje & fronteriza*<sup>8</sup>

O local está inscrito no global. (...) A articulação do local e do global inscreve-se numa determinada herança colonial. MIGNOLO

As palavras “selbaje” e “fronteriza” eu as colhi da fronteira-sul, *lugar onde o sol se põe* por sobre a fronteira e que, a seu modo, me leva ao encontro de meu próprio *bios* familiar, histórico e cultural. Tais palavras, entre outras não entendidas por mim, foram pronunciadas por paraguaios, bolivianos, brasiguaios, “bugres”, indígenas, sul-mato-grossenses, pantaneiros, galponeiros e andariegos;

---

<sup>8</sup> Sobre a discussão que proponho a partir desse subtítulo, sugiro ao leitor que veja meu livro *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013), no qual me detenho especificamente no assunto aqui abordado.

mas também as sorvi das páginas poéticas de Diegues e de Serejo, além, claro, das páginas críticas de Mignolo e das páginas poético-críticas de Anzaldúa, entre outros. Eu mesmo descobri, para minha surpresa, que tais palavras não me eram estranhas desde minha infância vivida na fronteira com o Paraguai, ali à beira do rio Dourados. Minha memória cultural está *atravesada* pelas conversas dos ervateiros e campeiros da região. De toda essa herança e errância cultural e histórica, *sobrevive*, em minhas sensibilidades biográficas, o canto melancólico do urutau como mimetizador de uma paisagem local que não se deixa emoldurar pelas palavras.

A fronteira-sul de onde erijo meu discurso crítico, por simbolizar, ocidentalmente, o lugar em que o sol se põe, e metaforicamente espelhar a condição de crepúsculo oscilante sanguinolento, demanda a ascensão de uma epistemologia *fronteriza* específica que dê conta de refletir acerca desse lugar subalterno por excelência, rechaçando, por conseguinte, quaisquer discursos críticos de natureza dualista, acadêmica e disciplinar, isto é, modernos. Tal *epistemologia outra* labora a exumação das histórias, memórias e discursos subalternos, permitindo, por conseguinte, a *ascensão dos restos*<sup>9</sup> por fora do discurso centralizador da crítica moderna que imperou nos trópicos com sua boa intenção messiânica e salvífica.

26

Douglas Diegues, em *Uma flor na solapa da miséria* (2007), ao conceituar seu “portunhol salbaje” inconceituável, contorna parte da paisagem biográfica e do lugar geoistórico e territorial da fronteira-Sul de onde erijo minha reflexão, cuja proposta essencial visa correr por fora de uma repetição crítica moderna que, desde que *fronteira aqui é fronteira*, não fez e não faz outra coisa senão repetir à exaustão uma prática teórico-crítica dos centros hegemônicos, tanto do país quanto eurocêntricos e norte-americanos nas mesmas proporções, que aqui soa (ou deveria) como caduca e fora do lugar. A Academia periférica, por excelência, é o

---

<sup>9</sup> Faço aqui uma alusão ao livro *O mundo pós-americano*, de Fareed Zakaria, apesar de não concordar plenamente com as ideias do autor. (Se quisermos entender o que significa a “ascensão do resto”, temos de compreender por quanto tempo esse resto ficou adormecido. A dominação intelectual e material do Ocidente não é nem recente nem um fenômeno efêmero. Vivemos num mundo ocidental há meio milênio. Apesar da ascensão de outras nações e continentes, as sombras do Ocidente se estenderão e seu legado se aprofundará por muitas décadas vindouras, talvez mais do que isso. (FAREED. *O mundo pós-americano*, p. 63)

arquivo guardião dessa *sapientia* moderna ultrapassada, hegemônica, acadêmica e disciplinar. De modo que articular, hoje, um discurso crítico *fronterizo* é, em sua essência, refletir contra o pseudodiscurso crítico propagado e defendido dentro dela. Em resumo, a Academia periférica, ressalvadas as diferenças, não sofre de um mal de arquivo radical. Logo, por fazer parte de uma Universidade que beira a zona de fronteira, busquei situar-me e pontuar o meu discurso crítico como forma de, assim, convocar o discurso acadêmico moderno para uma conversa crítica<sup>10</sup> consciente de seu lugar de origem e situação geoistórico cultural. “U portunhol salbaje, afirma Diegues, es la língua falada em la frontera du Brasil com u Paraguai por la gente simples que increiblemente sobrevive de teimosia, brisa, amor al imposible, mandioca, vento y carne de vaca”. Se, por um lado, não faço parte dessa *gente simples que incrivelmente vive de teimosia*, por outro lado, tenho a consciência de que pelo fato de ter nascido na fronteira e ter vivido ali durante toda a infância ouvindo um entrecruzares de linguagens e de gentes saídas dos dois lados da fronteira, adestrei meu ouvido e procurei a *sobrevida* (Derrida) de uma consciência de um intelectual da fronteira que me permitisse aproximar (-me) mais de perto da “herida abierta” (Anzaldúa) do sujeito *fronterizo* e falar, não *sobre* ele, mas *a partir* dele. A teimosia crítica do intelectual *fronterizo* deve ser aquela de uma desobediência epistêmica constante. Apenas uma epistemologia *salbaje* e *fronteriza* tem o poder de rechaçar o discurso moderno colonial que avançou e se perpetuou, por meio da academia sobretudo, nos lugares subalternos, impondo, por conseguinte, sua lição castradora de Sistema Colonial Moderno que não fez outra coisa senão repetir um modelo de pensar, digamos “estético”, que chegou ao seu auge com a globalização econômica do século XX e hoje entra em declínio (?) devido a insurgência de epistemologias outras que, sabiamente, não ignoram o passado histórico por saberem que outros passados foram previamente ignorados pela História Moderna do Ocidente.

A cor sanguinolenta do crepúsculo oscilante, advinda da fronteira *salbaje* e *fronteriza*, metaforiza, de forma especular, a “ferida colonial” representada pelos sujeitos-fronteiras cuja vida sangra devido ao descaso do poder estatal, bem como por conta do poder do discurso hegemônico que, a revelia do *bios* do lugar, decide a melhor forma de compreendê-los e inseri-los na história. Em contrapartida, ou

---

<sup>10</sup> Conversa crítica aqui no sentido empregado por Walter Mignolo em *Projetos globais/ histórias locais*.

talvez por isso mesmo, a cor matizada do crepúsculo subalterno da fronteira proponha redesenhar, contornando na relação diferencial, as bordas imperiais dos valores modernos que migraram para a exterioridade visando reforçar sua interioridade. Erige-se, assim, uma poética *transfronteriza*, marcada por uma cultura *salbaje* que brota de todos os lados da fronteira, sobretudo de seu lado epistemológico. “El portunhol salbaje es una música diferente, feita de ruídos, rimas nunca bistas, amor, água, sangue, árboles, piedras, sol, ventos, fuego, esperma”, conclui Diegues. Parece-me que somente uma crítica *salbaje*, assentada em uma epistemologia *fronteriza*, nos permite, por exemplo, ver a semelhança na diferença de “belleza salbaje bersus belleza civilizada/ belleza di dentro bersus belleza de fora” (Diegues), como forma de ver a “belleza invisible” que repousa do lado de fora do olhar imperial moderno cristalizado na cultura humana.

Também o poeta Joca Reiners Terron, com o seu *Transportuñol borracho*, ajuda-me a pontuar o lugar impreciso e *borracho* que especifica a zona *fronteriza* de onde articulo meu discurso crítico. Entre bárbara e *selbaje*, a fronteira-sul borda suas linhas da ordem do real e do imaginário, pontilhando, ora do lado de dentro, ora do de fora, sua força e sua resistência, e sempre impondo, ao seu modo, seu discurso *fronterizo* como resultado possível de uma epistemologia gerada nessa zona que quase sempre beira o esquecimento por parte do saber moderno, acadêmico e disciplinar. Embarcando no contrabando lyricotráfico poético de Terron, se, por um lado, podemos nos perguntar “como saber adonde se ubica la frontera si non sei onde empieza el día y si acaba el sueño?”, por outro lado, e tendo por base o lócus *fronterizo* Sul aqui priorizado, entendo que pareça ser mais fácil contornar as bordas limítrofes da fronteira em questão, do que se valer de sua epistemologia *fronteriza* para compreendê-la de-dentro de suas especificidades culturais. Tal epistemologia escapa à reflexão racional posta em prática pelo discurso acadêmico e disciplinar, assim como pelos discursos modernos vindos dos grandes centros do país e de fora. Sem querer fazer uma apologia rasteira do local, do periférico, do entrelugar fronteiriço ou marginal, o fato é que essa zona borrachera produz *modos de viver e de pensar* específicos do lugar. Entre a fronteira, a poesia e o infinito, borda-se “esa broma que llamamos vida” de fronteira, cujo papel é transculturar, embriagada pela lucidez do abandono, o discurso colonial que teima em se agarrar a um corpo que o rechaça.

Diferentemente de uma leitura crítica anticolonialista que não fez outra coisa senão reforçar o “sistema binário”, quando trabalhamos a relação entre, por exemplo, centro x periferia, eixo x fora do eixo, civilizado x bárbaro, Norte x Sul,

entre outras oposições, tomo-as não mais como “entidades”, mas como “divisão conceitual do mundo” (Mignolo), mesmo que a configuração do mundo tenha mudado sensivelmente. Para um discurso crítico que se situa nas fronteiras dos saberes críticos conceituais dos centros como o que postulo aqui, saber que tal articulação periférica deve passar por fora de qualquer dualidade crítica redutora é tão importante quanto reconhecer que o surgimento e a articulação de uma crítica pós-colonial na fronteira passa pelas “sensibilidades locais” (Mignolo) ou sensibilidades biográficas de todos os envolvidos na ação. É por priorizar isso que procuro agregar, ao recorte epistemológico pós-colonial, uma abordagem da crítica biográfica brasileira (Souza), bem como não descartar a importância de uma delimitação territorial: a fronteira-Sul, de onde erijo meu discurso, tem de fazer toda a diferença na articulação epistemológica defendida. Ressalvadas as diferenças, essa prioridade em torno de um lócus territorial e epistemológico ilustra o lugar que o Brasil ocupa dentro das discussões pós-coloniais feitas na América Latina, assim como o caminho, às vezes solitário, que a crítica brasileira tem de trilhar, mesmo com sua capacidade crítica ímpar de dialogar com as críticas vindas de fora. É no bojo dessa discussão que conceitos como o de “entre-lugar”, de Silviano, e o de “pensamento liminar”, de Mignolo, me ajudam a pensar a respeito de nossa crítica de fronteira. Se, por um lado, o Brasil, ou vem a reboque, ou fica de fora da discussão proposta pelo autor de *Histórias locais/Projetos Globais*, por outro lado, essa teoria crítica pós-ocidental me permitiu compreender melhor um certo subalternismo interno que teima em subsistir na crítica brasileira, assim como um colonialismo crítico forte entre a crítica brasileira e as de fora, como as pensadas em espanhol. Enfim, toda a discussão conceitual levantada por mim até aqui serve, em minha discussão, para refletir criticamente sobre uma epistemologia “fronteriza” que me dê uma compreensão mais *de perto do entrelugar* de onde vivo, trabalho e penso. Aqui não posso inserir uma perspectiva de uma crítica feita nos grandes centros do país, apesar de ser tentado a, assim como quero entender que tal perspectiva não pode ter a pretensão de que sua discussão alcance minha *realidade outra*, desse país que ainda se faz na bifurcação entre a cidade e o campo, o cerrado e o sertão, os centros e as fronteiras desconhecidas. Em parte por conta de sua vasta extensão territorial. Discuti sobre isso por todo o meu livro *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013).

Sinceramente, diferente do que pensam Castro-Gómez e outros, quando afirmam que as *teorias pós-coloniais têm seu lugar “natural” na América Latina*,

não entendo que tais teorias tenham seu lugar “natural” no Brasil, precisamente porque, aqui, todas as demais teorias têm seu lugar natural exatamente por não o ter/ser. É nesse sentido, crítico por excelência, que vejo que os estudos acerca da fronteira e do entre-lugar, por exemplo, podem nos ajudar a pensar melhor as questões internas da cultura e das produções culturais por fora de uma visada “estética moderna” que, apesar de tudo, ainda prepondera, *grosso modo*, nas leituras críticas feitas no Brasil. Salvo exceções, como o próprio Silviano e Eneida de Souza, entre alguns outros. Não por acaso, a crítica busca, segundo Castro-Gómez, *não julgar nem legislar, mas sugerir a ideia de que detrás de todos os fragmentos que nos constituem, detrás de todas as representações que vêm configurando nossa personalidade histórica, não existe uma moral, nem uma verdade que garantisse o sentido desses fragmentos e dessas representações*.

Ao sul da fronteira-Sul, ali onde o denominamos de *entrelugar fronterizo*, temos vindo construindo a *verdade* sobre nós mesmos, gente *fronteriza*, atravessada por uma condição interna de homem-fronteira, que simplesmente não autoriza que o outro, o de fora do lócus *fronterizo*, fale por essa gente que construiu seu estado de *sobrevida* sobre o fio instável da fronteira-Sul. O discurso de uma epistemologia *fronteriza* é a travessia que *reúne* os povos, as culturas, os lugares, as línguas numa relação que não ignora a diferença colonial.

30

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

BEVERLEY, John. *Subalternidad y representación*. Trad. de Marlene Beiza y Sergio Villalobos-Ruminott. Madrid: iberoamericana, 2004.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Estudos culturais. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, vol. 1, n. 1, jan./jun. 2009.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Literatura comparada. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, vol. 2, n. 2, jul./dez. 2009.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Crítica contemporânea. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, vol. 2, n. 3, jan./jun. 2010

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Crítica biográfica. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, vol. 2, n. 4, jul./dez. 2010

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Subalternidade. Campo Grande, Ms: Ed. UFMS, vol. 3, n. 5, jan./jun. 2011.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Cultura local. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, vol.3, n. 6, jul./dez. 2011.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Fronteiras culturais. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, vol. 4, n. 7, jan./jun. 2012.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Eixos periféricos. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, vol. 4, n. 8, jul./dez. 2012.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Pós-colonialidade. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, vol. 5, n.9, jan./jun. 2013.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Memória cultural. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, vol. 5, n. 10, jul./dez. 2013.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago y MENDIETA, Eduardo (editores) *Teorias sin disciplina* (latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate). México: Miguel Ángel Porria, 1998. “Latinoamericanismo, modernidad, globalización: prolegómenos a una crítica poscolonial de la razón”, s.p.

DERRIDA, Jacques & DUFOURMANTELLE Anne. *Da hospitalidade*. Trad. de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DIEGUES, Douglas. *Uma flor na solapa da miséria*. (Em português) Asunción: Yiyi Jambo, 2007.

LOPES, Denilson. *No coração do mundo: paisagens transculturais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012. P. 21-46: Do entre-lugar transcultural.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade *em* política. Cadernos de Letras da UFF. Dossiê Literatura, língua e identidade, nº 34, p.287-324, 2008.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

SANTIAGO, Silviano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. P.9-26.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult.* Belo Horizonte; Editora UFMG, 2002. P. 47-66: O discurso crítico brasileiro

TERRÓN, Joca Reiners. *Transportuñol borracho*: 15 joyitas bêbadas de la poesia universal contrabandeadas al portuñol salvaje. Assunción: Yiyi Jambo, 2008.

ZAKARIA, Fareed. *O mundo pós-americano*. Trad. de Pedro Maia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.